ANAIS 2019

CONGRESSO BRASILEIRO DO AGRONEGÓCIO
ABAG E B3

AGRO: MOMENTO DECISIVO

abag

[B]3 BRASIL BOLSA BALCÃO

ÍNDICE

4 **SOLENIDADE DE ABERTURA**
PERCEPÇÃO E REALIDADE DO AGRO
ESPAÇO PARA O MERCADO DE CAPITAIS
MANTER O PROTAGONISMO
DO BRASIL NO MUNDO
TEMOS DE SER COMPETIDORES, E SEREMOS!
TEMA AMBIENTAL DEVE ABRIR MERCADOS
PARA O BRASIL

14 **PALESTRA INAUGURAL**
O MERCADO CHINÊS E A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NO BRASIL

18 **PAINEL 1**
REDUÇÃO DO CUSTO BRASIL

22 **PAINEL 2**
MECANISMOS FINANCEIROS

26 **PAINEL 3**
PILARES PARA O FUTURO DO AGRO

30 **HOMENAGENS**
PROGRAMA EDUCACIONAL AGRONEGÓCIO NA ESCOLA

PRÊMIO NEY BITTENCOURT DE ARAÚJO
PERSONALIDADE DO AGRONEGÓCIO 2019

PRÊMIO NORMAN BORLAUG DE SUSTENTABILIDADE 2019

36 **PÚBLICO**

37 **IMPRENSA**

SOLENIDADE DE ABERTURA

MESA DE AUTORIDADES

Tereza Cristina
Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Fábio Wajngarten
Secretário especial de Comunicação Social da Presidência da República

Alceu Moreira
Deputado federal, Presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

Rodrigo Garcia
Governador em exercício do Estado de São Paulo

Sergio Segovia Barbosa
Presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, Apex-Brasil

Juan Quirós
Presidente da São Paulo Negócios, representando o prefeito Bruno Covas

Marcello Brito
Presidente do Conselho Diretor da ABAG

Gilson Finkelsztain
CEO da B3

LIDERANÇAS POLÍTICAS E SETORIAIS PRESENTES

Alexandre Schenkel
Presidente do Instituto Pensar Agro

Américo Sakamoto
Secretário em exercício Desenvolvimento de Econômico do Estado de São Paulo

Andréa Figueiredo de Moura
Superintendente Federal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em São Paulo

Arnaldo Jardim
Deputado Federal

Celso Luiz Moretti
Presidente interino da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa

Duarte Nogueira
Prefeito de Ribeirão Preto

Eduardo Sampaio Marques
Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Frederico D'Avila
Deputado Estadual

Gabriela Chiste
Secretária em exercício de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Hugo Suenaga
Secretário de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca do Estado do Pará

Iran Lima
Secretário de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia do Estado do Pará

Itamar Borges
Deputado Estadual e presidente da Frente Parlamentar do Agronegócio Paulista

Jacyr Costa
Presidente do Cosag, representando o presidente da Fiesp, **Paulo Skaf**

João Octaviano Machado Neto
Secretário de Logística e Transportes do Estado de São Paulo

Marcos Montes
Secretário Executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Marcos Penido
Secretário de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo

Tirso de Salles Meirelles
Presidente do Sebrae-São Paulo, representando o presidente da Faesp **Fábio Meirelles**

PERCEPÇÃO E REALIDADE DO AGRO

MARCELLO BRITO
PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR DA ABAG

Estamos num momento ímpar no país e no mundo em face da série de mudanças nos mercados nacional e internacional, envolvendo, claro, o agronegócio. Temos em andamento uma revolução nos hábitos e costumes feita pela geração que tomará o nosso lugar, com informações e visões de vida bem diferentes. Se o crescimento do agronegócio brasileiro nesses últimos 40 anos foi assustador, o nosso trabalho político para o desenvolvimento geral do país falhou. Entregaremos para a próxima geração uma nação com desenvolvimento muito aquém do produzido pelo agro.

Ao compararmos o crescimento do PIB com o da agricultura, vemos uma defasagem substancial. Então, esse momento é decisivo para reencontrarmos, no conjunto dos setores econômicos, um desempenho mais equilibrado. Precisamos diminuir a desigualdade econômica existente no país e, para isso, temos de evoluir em todos os segmentos, a começar do agro. Para continuarmos a crescer precisaremos de uma nova realidade econômica. O ministro da Economia Paulo Guedes tem feito isso com muita garra, fibra e jogo de cintura, mas não é fácil mudar um modelo econômico radicalizado em tantas facções da sociedade brasileira. Então, estamos, de fato, num momento decisivo.

Do lado do agro isso não é menos verdadeiro. Quando alguém fala sobre a vida fácil do produtor rural, deveria saber que, ao acordarmos, pensamos em rastreabilidade, desmatamento, emissões, direitos humanos, mudanças climáticas, agroquímicos, espécies ameaçadas de extinção, biodiversidade, grilagem de terra, direitos à comunidade, pequenos agricultores, queimadas, etc. Esse conjunto de temas faz parte do nosso dia a dia e impacta, direta e indiretamente, nossos clientes, consumidores e nossos negócios.

Assim, além do desenvolvimento verde, precisamos enxergar a sustentabilidade econômica para termos segurança e continuidade do investimento que retribua à sociedade o espaço dado para desenvolvermos. O mercado externo deve estar no nosso dia a dia. Boa parte das nossas exportações é processada dentro do Brasil por multinacionais de acordo com plataformas internacionais, da mesma forma que acontece com outros países. Nesse contexto, o governo briga para construir uma agenda para reformar as políticas públicas.

PARA SEGUIR CRESCENDO PRECISAMOS:

- Cumprir uma pauta que envolve investimento em ciência e tecnologia
- Desenvolver vontade empresarial e política
- Montar um estado eficiente eficiente em um modelo econômico liberal
- Esquecer facilidades e subsídios

O REAL NÃO É PERCEBIDO

Às vezes temos uma realidade maravilhosa em vários setores no Brasil, mas não conseguimos passar para o público a percepção adequada. Há uma brutal diferença entre percepção e realidade. Fizemos um monitoramento, em nível internacional, da percepção da mídia externa sobre a realidade do agronegócio brasileiro. Esse monitoramento, feito de janeiro a julho de 2019, captou detrações bastante difusas em 23 países sobre 35 assuntos. No twitter, foram 103 mil postagens negativas, reverberadas por 145 milhões de pessoas. A gravidade é que não se lê a matéria completa, só manchetes.

Devemos ser o país agrícola com mais vantagens comparativas para colocar no mercado. Perdemos porque, nos últimos 30 anos, esquecemos de mostrar nossas vantagens competitivas. Enquanto não mudarmos esse horizonte, continuaremos apanhando. Às vezes, apesar de deixar o nosso público interno maravilhado, pronunciamentos inflamados são traduzidos em manchetes negativas para a imagem do agro. Para evoluir, a nossa comunicação precisa partir de um ponto mais central e organizado. Quando se publica algo com dados e fontes, que passaram por *peer review*, há credibilidade no mercado. No Brasil, temos pesquisas e projetos para reverberar, inclusive na imprensa especializada.

O desmatamento, por exemplo, é um assunto sensível. Nenhum produtor é favorável a desmatamento ilegal, no entanto, não fazemos as denúncias disso. Não fomentamos e entregamos aos órgãos de fiscalização dados do desmatamento ilegal. Por conta desse desmatamento ilegal, feito por grileiros de terras e madeireiros inescrupulosos, o agro paga alto preço.

Assim, será difícil excluir a minoria ruim e que prejudica a nossa imagem, cuja grande maioria, decente e honesta, trabalha o agronegócio. Conclamamos todas as entidades do agro para sermos parceiros do governo no combate feroz ao desmatamento ilegal. Essa é a nossa obrigação.

Precisamos ser um setor de conhecimento para caminhar de forma uniforme. Andamos o mundo para dizer as qualidades e seriedade do Código Floresta (CF), debatido longamente e aprovado a duras penas pelo Congresso. Então, precisamos regulamentá-lo para entrar em operação, com a publicação do acórdão pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

O artigo 42 do CF trata dos pagamentos de serviços ambientais (PSA´s). As empresas do agronegócio podem se beneficiar com essa política e ganhar dinheiro. Por que isso não foi regulamentado? O Acordo de Paris, do qual somos signatários, trata desse assunto. O Chile fez a lição de casa, enquanto estamos em estaca zero.

ESPAÇO PARA O MERCADO DE CAPITAIS

GILSON FINKELSZTAIN
CEO DA B3

A parceria ABAG-B3 na realização do Congresso Brasileiro do Agronegócio está consolidada. Quando estamos sozinhos podemos ir mais rápido, mas juntos vamos mais longe. Isso contribui para o desenvolvimento da economia brasileira. Trabalhamos firme nesse sentido. Fazer o congresso significa colaborar para o crescimento do setor mais competitivo da nossa economia e que tem ainda muito mais espaço por ocupar no comércio mundial.

A B3 apoia essa trajetória transformadora de sucesso no setor. Tudo repleto de desafios para atender as necessidades impostas pelo comércio internacional. Não há dúvida sobre o papel extraordinário do Brasil na produção de bens agropecuários para o mundo e os produtores estão preparados para atender esse desafio. Num horizonte cercado de tensões e guerras comerciais, temos tudo para sermos um parceiro confiável e capaz. O sucesso contínuo do setor dependerá de pesquisa, infraestrutura, financiamento e gestão de risco. Os mercados financeiros e de capitais são fontes potenciais de liquidez para o setor.

O atual ambiente econômico, com juros na mínima histórica da SELIC e tendência de queda, passa pela diversificação de investimentos. Isso abre espaço para o mercado de capitais servir de fonte de captação de recursos. Podemos citar o Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA), a Cédula do Produtor Rural (CPR), a Letra de Crédito do Agronegócio (LCA) e o Recibo de Depósito Bancário (RDB), dentre outras. Junto com o governo, a B3 se esforça para ampliar os canais de acesso dos investidores a esses títulos.

Além disso, a B3 também oferece soluções de gestão de risco, muito importantes para os produtores, através de produtos derivativos dos estados e de balcão. Queremos ampliar a liquidez desses instrumentos para mostrar a relevância do agro brasileiro.

MANTER O PROTAGONISMO DO BRASIL NO MUNDO

SERGIO SEGOVIA BARBOSA
PRESIDENTE DA APEX – AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS

Queremos destacar a importância de um fórum desta natureza num momento em que precisamos de instrumentos objetivos para assegurar o crescimento econômico brasileiro. O tema central do Congresso: 'Agro: Momento Decisivo', não só reitera em nossas agendas a fundamental importância de pensar o comércio exterior a longo prazo, mas reforça a necessária atenção que deve ser assegurada ao agronegócio.

A Apex-Brasil tem apoiado os segmentos relacionados ao agronegócio de forma assídua e dedicada ao longo de seus mais de 20 anos de atividade. Nesta gestão, mantem o agronegócio no pilar estratégico de atuação da agência. Para isso, reforçamos três grandes frentes de ação trabalhadas com igual rigor e atenção.

A primeira envolve ações de posicionamento do agro em mercados estratégicos, notadamente, por meio do apoio à participação de empresas brasileiras em plataformas globais de promoção de agronegócios e de imagem, como as feiras: Sial, em Paris, Anuga, na Alemanha, e Gulfood, nos Emirados Árabes. Em cada uma dessas ações, aplicamos uma narrativa consistente, positiva e baseada nos melhores atributos de competitividade dos produtos brasileiros.

Todos concordam a respeito de uma necessária força-tarefa para a reversão da leitura equivocada feita pelos estrangeiros a respeito da nossa produção agropecuária. O momento atual é propício para constituí-la, com alinhamento entre entes públicos e privados.

A segunda envolve a sensibilização dos parceiros, por meio de projetos setoriais a respeito do cumprimento da agenda de agregação de valor.

A terceira frente está espelhada no esforço de integração cada vez mais efetiva com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), ao qual a Apex-Brasil está vinculada, com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Hoje, há uma coincidência notável de propósitos em favor do agronegócio brasileiro, com envolvimento do governo, iniciativa privada e demais setores da sociedade. A Apex comunga da responsabilidade de manter o protagonismo do Brasil no mundo, em tudo o que envolve o agronegócio, compondo agendas, mantendo-se aberta a parcerias e apostando em potenciais de comércio.

TEMOS DE SER COMPETIDORES, E SEREMOS!

ALCEU MOREIRA
PRESIDENTE DA FRENTE PARLAMENTAR DA AGROPECUÁRIA (FPA)

No segundo turno eleitoral de 2018, houve uma unificação naquilo que éramos contra. A sociedade, de certa forma, disse: "temos uma borracha na mão e queremos apagar o passado indesejável". Mas ela não deu nenhuma pista do que desejava para o futuro, delegando um ambiente propício para a construção desse futuro. A atual confusão decorre do fato de que não tínhamos uma agenda positiva sobre o que queríamos para o país. Portanto, essa confusão é absolutamente natural, porque em muitos lugares, a agenda positiva está no cérebro de alguns e na autoridade de tantos.

No caso do agro, precisamos contar para os consumidores quem somos e como produzimos. Precisamos compor e considerar uma razoável falta de percepção, para não ser drástico e falar de incompetência, de não avançamos na comunicação e imagem. Na questão do mercado internacional, quem dera fosse apenas um equívoco. Pois, não é. Os nossos clientes preferenciais são também competidores ferozes.

As políticas instituídas no Brasil coíbem a nossa capacidade produtiva na legislação ambiental, sanitária, trabalhista, demarcação de terra indígena e de quilombolas e outras tantas. Essas cascas de bananas foram muito bem construídas de fora para dentro para termos a incapacidade de produzir estampada em todos os cantos. E, vitimados, falamos para nós mesmos com discursos altos e bom som, quando, na verdade, o nosso adversário nunca esteve e nem está nessa sala.

O que faremos agora? Parar de queixar. Não somos participantes de uma Olimpíada. Somos competidores de um mercado globalizado, com um nível de tecnologia que nos transforme cada vez mais a disputa por fração de segundos e de centímetros. O mundo nunca foi de todos. Logo, não adianta chorar. Temos de ser competidores, e seremos!

Vamos montar um plano de comunicação voltado para a imagem internacional, especialmente UE e Ásia. Interessa às ONGs vender ao mundo a imagem de um Brasil de vira-latas para desvalorizar e comprar barato a nossa produção. Devemos, inclusive, partir para a negociação institucional nas embaixadas, onde deveríamos ter a nossa sala de comunicação. Quem sabe um dia teremos condição de reunir os 260 parlamentares da Frente Parlamentar da Agropecuária para unificar o discurso, pois falta articulação entre nós. É hora de construirmos uma narrativa para termos uma política agroindustrial governamental, com governança e inteligência estratégica.

TEMA AMBIENTAL DEVE ABRIR MERCADOS PARA O BRASIL

TEREZA CRISTINA
MINISTRA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Nos próximos dez anos, a demanda por alimento, energia e água aumentará, respectivamente, em 35%, 40% e a 50%, colocando novos desafios para a agricultura. Em 2050, sete em cada dez pessoas viverão nas cidades. Isso torna mais rarefeita a população rural. Portanto, máquinas e equipamentos serão imprescindíveis para a garantia da segurança alimentar. O crescimento populacional se dará, sobretudo em regiões que não são capazes de alcançar a sua própria segurança alimentar, como por exemplo a Ásia, África e o Oriente Médio.

Nessas situações, muitos ficam perplexos e negativistas, com dúvidas das nossas possibilidades e capacidades transformadoras. Como não podemos cair nesta armadilha, falaremos do nosso presente e futuro. Ao longo das últimas décadas, a agricultura brasileira demonstrou competência e capacidade de fazer transformações sem paralelo em nenhum outro lugar do mundo. Até a década de 70, éramos conhecidos por produzir somente café e açúcar com baixo nível tecnológico, reduzido conhecimento dos nossos biomas e uma pobreza rural endêmica.

Em pouco mais de 50 anos, com o desenvolvimento de tecnologia agropecuária adaptada aos trópicos e o empreendedorismo dos agricultores, nos tornamos uma potência global em produção de alimentos, fibras e energia. Além de abastecer o mercado interno, alimentamos hoje cerca de 1,2 bilhão de pessoas no mundo.

ESTIMATIVA DO AGRO BRASILEIRO PARA A PRÓXIMA DÉCADA

GRÃOS 300 milhões t

aumento de 62,8 milhões t **sobre produção atual**

CARNES 33 milhões t

aumento de 7 milhões t sobre os atuais 26 milhões t

CARNE SUÍNA E DE FRANCO + 28%

REGIÃO CENTRO-OESTE terá a maior expansão chegando a

143 milhões de t

O CRESCIMENTO PREVISTO SE DARÁ POR:

- Aumento da produtividade decorrente de pesquisas
- Expansão de área plantada, sobretudo em áreas de pastagens recuperadas

Estima-se que na próxima década a área plantada de soja atingirá 45 milhões hectares, caso a commodity fique acima de US$ 9,5 por bushel

FATORES QUE IMPULSIONARÃO A COMPETITIVIDADE E O CRESCIMENTO DO AGRO:

- Modernas técnicas de edição genômica de cultivares;
- Bioeconomia;
- Uso intensivo de bioinsumos, química verde e biomassa;
- Convergência bio com nanotecnologia e geotecnologias;
- Avanço da agricultura digital, com sensores, drones e internet das coisas, big data, inteligência artificial, estudo de microbiomas das raízes;
- Crescimento do número das chamadas agritechs e startups no agro, se aproximando do que ocorre em países desenvolvidos, como USA, onde elas crescem 16% ao ano.

Fonte: MAPA e Embrapa

No MAPA, estamos atentos a outras tendências com significativa influência no desenvolvimento do agro na próxima década, como aponta os relatórios de grandes instituições financeiras globais,crise econômica em várias partes do mundo, protagonismo dos consumidores, preocupação com hábitos alimentares e sustentabilidade.

O AGRICULTOR BRASILEIRO É O MAIS PRESERVACIONISTA DO MUNDO

O agronegócio tem conseguido manter elevados índices de crescimento da produção sem prejuízos ao ambiente. Os dados do Cadastro Ambiental Rural (CAR) mostraram que 25,6% do país são preservados pelos produtores rurais. Cultivamos apenas 7,8% do território, conforme demostrou estudo da EMBRAPA, confirmado posteriormente por levantamento da NASA, a mais conceituada agência americana de pesquisa. Cerca de 30% do território nacional são unidades de conservação e terras indígenas. O último relatório da ONU sobre as áreas protegidas do mundo diz categoricamente: "O Brasil tem a maior área protegida do planeta". Essa realidade precisa ser conhecida e reconhecida no Brasil e no exterior.

O MAPA trabalha para o tema ambiental ampliar e não reduzir mercados para o Brasil. Os dados sobre a proteção e a preservação do território brasileiro são robustos e confirmados por instituições de renome internacional. Devemos ampliar a comunicação e fazer do tema ambiental uma marca positiva da produção nacional. O governo do presidente Bolsonaro tem feito esforços diários para reduzir o custo Brasil, com simplificação dos processos e redução da burocracia, além de realizar as reformas para as mazelas que dificultam a vida do brasileiro.

Ainda no MAPA, trabalhamos a questão do custo de transporte. O tema está sendo tratado em cada uma das oito bacias logísticas do Brasil. A nossa câmara temática de logística colabora com o Ministério de Infraestrutura para viabilizar concessões e parcerias com o setor privado. Devemos ganhar competitividade na navegação por cabotagem

PALESTRA INAUGURAL

O MERCADO CHINÊS E A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NO BRASIL

Estamos felizes em participar desse evento. Vendo esse público, com a presença de executivos e jornalistas, ficamos animados em dar a nossa contribuição. Desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre China e Brasil, em 1974, o comércio entre os dois países começou a crescer. Os negócios cobrem soja, carne, tecnologia, aço, petróleo bruto e outros produtos e serviços. Essa cooperação tornar-se-á mais próximas e fortes, com benefícios para ambos os países, que representam as duas maiores economias emergentes do Oriente e do Ocidente, com relacionamento comercial muito especial no lado agrícola.

A COFCO Group e a COFCO International representam uma parte importante nesse processo. Somos uma empresa de grãos, petróleo e alimentos e, desde 1949, atuamos na importação e exportação de alimentos e produtos agrícolas. Além de suprirmos as necessidades do mercado chinês, fornecemos cada vez mais produtos agrícolas para o mundo. Em 2014, adquirimos duas empresas de agronegócios no Brasil, a Nidera e Noble Agri, com potencial de crescimento de longo prazo e oportunidades significativas.

Nos últimos cinco anos, ampliamos nossos negócios para mais de 50 países. Em 2018 movimentamos mais de 100 milhões de toneladas de produtos agrícolas, como grãos, oleaginosas, açúcar, algodão e café. Cresce a nossa cooperação junto aos agricultores, com uma compra direta

JINGTAO CHI,
CHAIRMAN COFCO
INTERNACIONAL

acima de 40 milhões de toneladas. Até 2022, esse número chegará a 60 milhões de toneladas.
Toda essa evolução ocorre também no Brasil, nosso principal mercado de compras. Em 2018, exportamos daqui 13 milhões de toneladas de grãos e oleaginosas. Também temos negócios com algodão e café. No mundo são 11 mil funcionários, dos quais 7.500 estão no Brasil. As quatro fábricas de açúcar possuem 5.500 funcionários e processam 15 milhões de toneladas de cana por ano.

COOPERAÇÃO DE LONGO PRAZO COM O BRASIL

Confiamos em aprofundar nossa cooperação no Brasil, à medida que a China e as necessidades alimentares do mundo crescem. Com a melhoria do padrão de vida em nossa sociedade, aumenta a demanda por alimentos. Com melhor renda, o consumo de alimentos ricos em proteínas aumentará. Isso requer uma atualização global do armazenamento, processamento, transporte, comércio e distribuição de produtos agrícolas.
A COFCO se posiciona para estabelecer uma cooperação de longo prazo com as regiões agrícolas mais importantes do mundo. Nosso relacionamento com o Brasil - com a ABAG e todos aqui - é fundamental para nosso sucesso comum. Nossa principal prioridade atual, em termos de cooperação, é a soja, da qual o Brasil é um dos maiores produtores. A COFCO é um comprador muito ativo da soja brasileira, com crescimento de 5% ao ano nos próximos cinco anos. Nesse caminho, apesar de ser inevitável passar por voltas e reviravoltas, acreditamos nessa relação comercial entre os dois países. A cooperação possui uma base sólida: um é grande importador de produtos agrícolas, o outro é um grande país de recursos agrícolas, e ambos são países do BRICS.
Por isso, aumentaremos os investimos em infraestrutura básica, como armazenagem, processamento e portos no Brasil. Naturalmente, tudo isso depende de um ambiente de negócio sustentável e previsível. Com o fortalecimento dessa parceria, cabe um bom momento para refletir: como podemos aprofundar o nosso relacionamento e cooperação tendo como base os investimentos existentes.

O MUNDO SE TRANSFORMA COM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O crescimento da necessidade de alimentos exige mais recursos de cultivo: água, clima estável e solo fértil. Em 1999, quando começou a promover o projeto de "retorno de terras agrícolas a florestas", a China planejou devolver parte da terra cultivada de baixo rendimento ou ecologicamente importante para restaurar a vegetação. Então, o estado, até agora, investiu US$ 72 bilhões para a conversão de 33 milhões de hectares de terras agrícolas e de pastagens em florestas.

A agricultura brasileira conta com grande potencial de desenvolvimento, com recursos naturais abundantes. O Presidente Xi Jinping, da China, apresenta cinco conceitos de desenvolvimento, especialmente para o verde: "inovação, coordenação, sustentabilidade, abertura e compartilhamento".

Em seu discurso no "Fórum do Cinturão e da Rota para a Cooperação Internacional", para investimentos em projetos de infraestrutura em países da Ásia, Europa e África (*), o Presidente fez duas citações interessantes do:

- velho ditado chinês de: "ter uma base sólida profundamente enraizada".
- plano de "garantir a sustentabilidade para o investimento estrangeiro da China e ter um crescimento comum de qualidade".

Com isso, queremos enfatizar que, além da proteção ambiental, há mais o desenvolvimento sustentável. Ou seja, somente se garantirmos os interesses dos agricultores e das outras partes que ganham a vida com o comércio agrícola, poderemos realmente realizar a transição para uma agricultura sustentável. No projeto da China de "retornar as terras para florestas", os agricultores receberam subsídios alimentares e financeiros correspondentes para garantir seus benefícios e meios de subsistência. Então, a agricultura brasileira precisa manter sua competitividade enquanto alcança a sustentabilidade ambiental e social. Como uma importante parte interessada, os agricultores devem ser participantes na formulação e implementação de soluções. Nesta jornada, a COFCO está disposta a acompanhá-lo ao longo do caminho.

Portanto, esperamos discutir: como trabalharemos juntos para atingir as nossas metas, de modo a crescer com sustentabilidade e testemunhar o desenvolvimento e prosperidade dos agricultores no futuro? Para isso, queremos compartilhar nossas idéias iniciais.

COFCO QUER CRESCER COM SUSTENTABILIDADE

Principais pontos e análises da multinacional chinesa sobre produção sustentável

Investimento sustentável no mundo cresceu **34%** nos últimos 2 anos (**US$ 30 trilhões**);

Proteção ambiental são as principais preocupação dos investidores;

COFCO International anunciou empréstimo de **US$ 2,3 bi** para desenvolvimento sustentável;

A COFCO já trabalha com agricultores brasileiros em projetos de financiamentos para produção sustentável em terras recuperáveis;

Cerca de **25 milhões** de hectares no Brasil podem ser usadas com foco em sustentabilidade;

Analisamos o mercado internacional de comércio de carbono;

Devido ao valor ambiental brasileiros, o país deve ter financiamento para proteção ambiental;

Vemos oportunidade de o produtor brasileiro se conectar ao mercado global de comércio de carbono, que capitou **US$ 82 milhões** em 2018;

Devemos fornecer aos agricultores um completo pacote de serviços, incluindo cias de seguros, instituições financeiras e outros parceiros para financiamento de longo prazo;

Nossas usinas de açúcar e trituradores de soja estão envolvidos em programas de energia renovável e biocombustível ;

Esperamos ampliar ainda mais esses projetos para apoiar os esforços do governo brasileiro na reução de emissões.

Fonte: COFCO International

CONCLUSÃO

O Brasil tornou-se um parceiro comercial confiável para a China e para a COFCO. No futuro, compraremos mais produtos agrícolas e esperamos ampliar a nossa cooperação, com a oferta de mais financiamentos, canais de investimento e outros serviços para beneficiar agricultores brasileiros.
Como o mundo muda com rapidez, a experiência nos diz que a estabilidade e a visão de longo prazo são preciosas. Estamos ansiosos para discutir a melhor forma para mantermos o nosso relacionamento de longo prazo. Os ambientes em transição trazem novas incertezas e oportunidades. Esperamos nos próximos encontros podermos trocar plenamente opiniões e experiências construtivas. Assim, trabalharemos juntos para enfrentar os desafios, compartilhar os resultados e repassar os nossos esforços para as futuras gerações.

(*) A iniciativa visa promover uma rede de infraestrutura, comércio e cooperação econômica em 60 países para estabelecer uma Nova Rota da Seda, revivendo no século 21 as rotas milenares que conectavam o Ocidente e o Oriente.

PAINEL 1 REDUÇÃO DO CUSTO BRASIL

Moderador
William Waack

Debatedores
Bernard Appy
Diretor do Centro de Cidadania Fiscal

Jorge Buzzetto
Diretor de Operações Supply Brasil da Syngenta

Lair Hanzen
Presidente da Yara Brasil

Roberto Brant
Presidente do Instituto CNA

O jornalista William Waack abre os debates

Segundo **Roberto Brant**, do Instituto CNA, os custos podem representar um obstáculo para a continuada expansão do agro. O primeiro é a logística onde fomos incapazes de mobilizar investimentos, seja pela lentidão governamental ou pelos embaraços das licenças ambientais. O segundo são as limitações de crédito rural. Nesse caso precisamos desobstruir os canais institucionais para ter acesso a novas ferramentas de crédito compatíveis com os retornos proporcionados pelo agro. O terceiro obstáculo é realizar a reforma tributária, com simplificação do sistema. Por fim, começamos a ter um custo adicional com o desgaste na imagem institucional do agro no exterior por conta de uma percepção errada sobre nossa atividade.

1 **"Na Constituinte de 1988, a briga era como distribuir o fruto dos impostos. De lá para cá, a carga tributária subiu de 25,3% para 35,1%. Agora, pela primeira vez, temos uma reforma tributária na agenda nacional. Isso é positivo"**
ROBERTO BRANT

Lair Hanzen, da Yara, enfatiza a morosidade: "Faz 30 anos que discutimos operarmos nosso próprio porto fora da intervenção dos sindicatos". Outro ponto criticado por ele foi o tabelamento do frete, uma intervenção de uma lei no livre mercado. "A elevação artificial do frete causa um efeito nocivo, pois reduz a demanda e incentiva as empresas a montarem frota própria", afirmou. Na parte tributária, a seu ver, falta legislação adequada sobre o ICMS. "O fosfato produzido em Minas e vendido no Mato Grosso é taxado em 10%. Se o produto vem do Marrocos não há taxação", completou, acrescentando ainda que o gás no Brasil custa 5 vezes mais do que o preço mundial.

2 **"Não podemos esperar que o governo resolva todos os problemas de infraestrutura. A iniciativa privada deve estar cada vez mais pronta. Há bastante dinheiro no mundo, mas falta segurança jurídica e marcos regulatórios para atrair investimentos"**
LAIR HANZEN

Já para **Jorge Buzzetto**, da Syngenta, a falta de infraestrutura é o principal fator de elevação do custo. "Se tirarmos o Alasca, temos a mesma área dos EUA. Lá são 4 milhões de estradas pavimentadas, aqui temos 1,5 milhão, sendo que apenas 14% são pavimentadas", lembrou, salientando que a reforma tributária é importante para alavancar investimento em logística. Buzzetto também apontou que o registro de defensivo é um custo considerável. "Para lançarmos um novo produto, demoramos 10 anos e investimos US$ 100 milhões. Para registrá-lo e ter os benefícios da patente, demoramos 5 anos", observou.

3 "Enquanto temos um órgão regulador que leva 5 anos para liberar uma molécula, os nossos competidores, como Argentina e EUA, liberam um produto em 24 meses"
JORGE BUZZETTO

Bernard Appy, do Centro de Cidadania Fiscal, comentou que o Projeto de Emenda Constitucional, em análise no Congresso, parte da ideia de adotar tributação de bens e serviços de padrão mundial, com um imposto de valor adicionado e regras uniformes para as mercadorias e serviços. "Um imposto com essas características desonera a exportação e tributa a importação, com alguns efeitos positivos. Primeiro, por ser neutro e não distorcer a forma como a economia se organiza", pontuou, acrescentando que com um imposto neutro, as empresas tendem a ser mais eficientes. Segundo Appy, com a reforma tributária haverá recursos para investir em infraestrutura, dando mais competitividade ao agro.

Para Appy, o maior problema tributário hoje para o agronegócio chama-se ICMS. Os 27 secretários de Fazenda do país assinaram um documento pedindo a substituição do ICMS por um IVA com tributação no destino sem nenhum benefício fiscal. A seu ver, a chance de aprovar uma boa reforma tributária será maior com a convergência entre a Câmara e o Senado. "Para evitar resistência dos estados que perdem, propomos uma transição longa, que não fará diferença para o contribuinte e viabiliza a aceitação federativa da reforma" recomendou Appy.

4 **"Temos o agro mais competitivo do mundo. Acho que a função do governo nesse processo é não atrapalhar na área tributária. Esse sistema cheio de exceções de distorções atrapalha e atrasa o licenciamento ambiental. Precisamos de processos ágeis"**
BERNARD APPY

"Hoje exportamos impostos e ineficiência. Isso deixará de acontecer com a reforma tributária. O agro se beneficiará duplamente, seja com uma maior competitividade no exterior e um aumento da demanda interna, decorrente de possível queda no preço de alimentos"
BERNARD APPY

PAINEL 2 MECANISMOS FINANCEIROS

Moderador
William Waack

Debatedores

Carlos Aguiar Neto
Diretor de Agronegócios do Santander

Juca Andrade
Vice-presidente de Produtos
e Clientes da B3

Pedro Barros Barreto Fernandes
Diretor de Agronegócios do Itaú BBA

Renato Buranello
Sócio da VBSO Advogados

Roberto França
Diretor de Agronegócios do Bradesco

O moderador abre o debate indagando sobre em que medida juro e inflação em queda favorecem na obtenção de crédito pelo agro?

No entender de **Roberto França**, diretor de Agronegócios do Bradesco, experimentamos agora juros de 6%, que nunca existiram no país. Há dez anos, segundo afirmou, era um sonho financiar agricultura nesse nível. "O custo do dinheiro, de alguma forma, já ficou até mais baixo do teto de alguns recursos obrigatórios. O maior bem trazido ao agro pela economia foi essa redução dos juros. Se isso permanecer, financiaremos máquinas agrícolas com menor dependência do BNDES. O maior subsídio que o governo poderia dar para o setor era trazer a taxa de juros para esse patamar com o equilíbrio macroeconômico".

1 "O agro é um setor estratégico para a economia nacional e podemos suportar boa parte das necessidades de financiamento do setor. Estamos estruturados para avançar"
ROBERTO FRANÇA

Pedro Barros Barreto Fernandes, do Itaú BBA concorda com França. A seu ver, o nível baixo da Selic representa uma mudança estrutural. "Esse processo reduz o custo de observância", afirmou, acrescentando que, com relação ao spread, alguns elementos formam o preço final de uma operação de financiamento. "Recentemente, uma circular do Banco Central baixou a exigência de capital nas operações de financiamento para a produção rural. Isso pode levar a uma redução do spread. Uma parte importante cabe a reserva feita pelo banco para cobrir perdas de crédito", comentou, salientando que considera vantajosa a desestatização do crédito rural.

2 "Vejo como vantajosa a desestatização do crédito rural. O segmento não depende do plano safra para continuar crescendo, pois enquanto o plano safra cresce 1% ao ano, o agro cresce 9%"
PEDRO BARROS BARRETO FERNANDES

Sobre a questão do crédito estatal, **Carlos Aguiar Neto**, do Santander, lembrou que o Banco do Brasil continua com 70% do marketing share de crédito rural. "É bem diferente termos um país com taxa de juros de 6% em vez de 15%. Há problema de fraude no sistema para adquirir o recurso. Com metade do custo do dinheiro, o incentivo está dado. Quando desarbitramos, a observância passa a ser quase desnecessária", observou Aguiar. Em relação ao movimento de Recuperação Judicial (RJ) no segmento do agro, com uma notória relativização do requisito de dois anos de registro na Junta Comercial, o executivo do Santander demonstra preocupação. "Entendo que estamos misturando um benefício feito para Pessoa Jurídica com uma adaptação meio chula para caber na Pessoa Física. O resultado é restrição de crédito. Recebemos ligações e perguntas de trading, agroindústria e revenda, sobre como enxergamos o risco desse negócio. A RJ pega quem tem crédito para receber. PF e RJ não casa. Não existe legislação específica, e misturamos água com óleo", afirmou.

3 "Nos Estados Unidos e na Austrália, dois países bem desenvolvidos no agronegócio, praticamente 100% do crédito aos produtores passam pelo sistema bancário"
CARLOS AGUIAR NETO

O advogado **Renato Buranello** informou que a interpretação majoritária dos Tribunais tem sido a de conceder RJ sem o cumprimento de dois anos de registro de atividade na Junta Comercial. Segundo disse, isso tem levado a um aumento do número de RJs. "Não temos este modelo para pessoa física. Com essas decisões, a previsibilidade está relativizada. Ninguém se opõe ao regime de recuperação do produtor rural. Há liberdade de escolher. Mas, de forma surpreendente, ele saca o registro, dias depois pede a RJ e apresenta o plano de negociação. Isso tem gerado um desequilíbrio enorme", comentou Buranello, lembrando de fatos ocorridos em meados da década passada, quando os contratos de entrega da soja verde não foram cumpridos. "A corda roeu depois em cima do próprio produtor. Ele arcou com o custo final na revisional de contratos. Repetimos a mesma tese, mas parece que perdemos o retrovisor", alertou o advogado. No seu entender, o mercado bancário tem cumprido bem sua função, "mas a aproximação com o mercado de capitais poderá ajudar no aumento do crédito privado ao agro", complementou.

4 "Temos um sistema de crédito rural criado em 1965, quando vivíamos numa época de importação de alimentos. Precisamos mudar e trazer uma nova realidade para essa plataforma, onde a segurança jurídica é o elo central".
RENATO BURANELLO

5 "No caso específico da soja, a guerra comercial dos EUA com a China tem impactado a correlação de preços formados em Chicago e aqui. Nesse caso, a B3 entra com seus mecanismos de proteção do risco"
JUCA ANDRADE

A análise foi compartilhada por **Juca Andrade**, Vice-presidente de Produtos e Clientes da B3. "O mercado de capitais será cada vez mais explorado. De 2015 a 2018, crescemos nos Certificados de Recebidos do Agronegócio (CRAs), com isenção fiscal para PF. Esse instrumento é uma estruturação com valor mobiliário, negociado e depositado na B3. Com uma equalização desse tipo, poderemos incentivar o investidor estrangeiro", comentou. Adiantou ainda que há um investidor de adicional, gestores de uma indústria enorme de fundos. "É interessante mencionar ainda sobre o spread de crédito que o produtor rural está disposto a pagar. Vamos supor um prêmio risco de 2% ou 3% acima da curva livre de risco. Alguma coisa nessa ordem de grandeza. Quando os juros estão na faixa dos 14%, esse adicional de prêmio de risco parece baixo, mas com juros a 7%, fica proporcionalmente muito maior", observou Andrade.

PAINEL 3 PILARES PARA O FUTURO DO AGRO

Moderador
Ricardo Gandour

Debatedores

Douglas Ribeiro
Diretor de Marketing da Corteva Brasil

Marina Grossi
Presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS)

Paulo Resende
Professor da Fundação Dom Cabral

Ruy Shiozawa
Presidente do Great Place to Work Brasil

Ulisses Thiago Mello
Diretor da IBM Research Brasil

Ao abrir o painel, o moderador relaciona os cinco pilares vitais para o futuro do agronegócio: inovação, sustentabilidade, infraestrutura, gestão das pessoas e conectividade.

Marina Grossi, presidente do CEBDS, inicia o debate dizendo que sustentabilidade significa a imposição de um novo padrão no contexto geopolítico mundial. "Isso é muito favorável para o agronegócio brasileiro. Ela dissolve a dicotomia de que ou há conservação ou há produção. Hoje é possível produzir e conservar, mantendo a rentabilidade. Temos o plantio direto, a recuperação de pastagens degradadas, o sistema integração lavoura, pecuária e floresta. Significamos um grande celeiro para o resto do mundo, pois nem todos os países conseguem produzir como produzimos", comentou a debatedora.

Observando que o Brasil tem milhares de exemplos

de produção sustentável, Marina pontuou que somos mais avançados do que os Estados Unidos. "Nesse sentido, penso ser necessário que olhemos para frente e construamos uma narrativa mostrando o que temos de robusto e o que podemos significar para o resto do mundo. Creio até que podemos pensar num Selo de Produtor Sustentável para o Brasil, que poderá servir para mostrar o valor da nossa produção sustentável. Com isso, mostraremos que temos condições de expandir nossa produção sem causar nenhum risco para a sustentabilidade", concluiu

1 "Diante das novas tecnologias, o consumidor empoderado regula, cada vez mais, o que consumirá. Ele é o CEO das suas escolhas. E nós podemos ofertar, por exemplo, o gado totalmente rastreado e criado com sustentabilidade"
MARINA GROSSI

2 "Para o agricultor, o crescimento na produtividade significa a continuidade da sua atividade. Por isso, o país está sedento por inovação na área de defensivos e estamos atrasados na comparação com os concorrentes"
DOUGLAS RIBEIRO

Abordando o tema inovação, **Douglas Ribeiro**, Diretor de Marketing da Corteva, destacou o papel da tecnologia na garantia da sustentabilidade do agro. "E o fato de a agricultura conseguir produzir tudo que produz utilizando apenas 7% do território do país é um exemplo claro da opção tomada pelo agricultor brasileiro por inovação. Ele escolheu esse caminho de crescimento sustentável, a partir da adoção de tecnologia", afirmou Ribeiro, acrescentando que existem inúmeros exemplos de produtores, em diferentes segmentos do agro, produzindo com sustentabilidade a partir da adoção de diferentes tecnologias.

Para destacar a importância da infraestrutura no agronegócio, o professor **Paulo Resende**, da Fundação Dom Cabral, enfatizou a necessidade de se equilibrar as duas variáveis principais da logística, o armazenamento e o transporte, sobretudo em relação a custos. "Atualmente, os custos da função logística no Brasil correspondem a 12,37% do faturamento bruto das empresas brasileiras de maneira geral. Ao analisarmos especificamente o agronegócio, essa taxa sobe para 21,7%, enquanto nos Estados Unidos ela não passa de 17%. Como se nota, na competição internacional as empresas brasileiras do agro já começam em desvantagem perante nosso grande concorrente mundial", ponderou Resende.

O professor da Fundação Dom Cabral aprofundou sua análise, lembrando que quando se divide o percentual de 21,7% que representa a logística na receita bruta do agro, conclui-se que 42% desse custo estão ligados ao transporte de longa distância e apenas 18% ao custo de armazenagem. Comparando novamente com os Estados Unidos, ele informou que lá, o custo do transporte no agronegócio representa 30%, e do armazenamento 40%. "A grande questão brasileira está em produzir e escoar rapidamente, enquanto os americanos podem produzir e armazenar, enquanto aguarda a melhor condição de negociar e vender sua produção. No Brasil, nunca tivemos uma política de Estado para o financiamento da capacidade de armazenagem das várias cadeias do agro", concluiu o debatedor.

3 "Estamos numa perigosa armadilha por nos transformarmos em simples fornecedor de insumos num mundo que evoluiu para mercados sofisticados onde a decisão de compra está cada vez mais na mão do consumidor"
PAULO RESENDE

4 "As agritechs americanas investem cerca de US$ 5 bilhões e as nossas 10% dessa cifra, mas temos a vantagem de ter 2 ou 3 safras anuais para acelerar os testes que resultarão em inovação"
ULISSES THIBES MELLO

Já na questão da conectividade, **Ulisses Thiago Mello**, Diretor da IBM Research Brasil, destacou que a tecnologia permitirá realmente poderosas transformações digitais no campo, envolvendo ganhos de produtividade, redução de perdas e desperdícios, assim como facilitar a rastreabilidade da produção. "Isso efetivamente vem para ficar e mudar totalmente a agricultura. Basta mencionar que hoje, um trator possui mais de dez sensores por computador de bordo. Em 2018 foram lançados mais de 110 satélites com diferentes resoluções, equipados com sensores multiespectrais, estamos com uma quantidade enorme de drones capazes de capturar dados, aviões que conseguem fotografias na resolução próxima de 5 centímetros", relatou o debatedor. Acrescentou ainda que, no computador, podemos, com muita precisão, fazemos coisas inimagináveis antigamente.

Em sua participação, **Ruy Shiozawa**, Presidente do Great Place to Work Brasil, fez questão de salientar que tanto a tecnologia, as fases operacionais de produção e logística, assim como as preocupações com sustentabilidade das empresas do agronegócio dependem de o empresário ser muito eficiente na gestão de um fator que permeia todas essas áreas, que são as pessoas. "Esse pilar, infelizmente, ainda é tratado, na maioria dos casos, com menos relevância", observou o debatedor.

A seu ver, isso ocorre por acharmos que é complicado lidar com gente, que não dá para medir, que as pessoas são difíceis. "Penso que temos de começar a tirar essas barreiras da frente", recomendou Shiozawa.

Na sequência, ele acrescentou uma observação ainda mais preocupante. "Nas nossas pesquisas nas empresas constatamos que, entre as melhores para trabalhar, ou seja, naquelas que já tem um grau de excelência no tema de recursos humanos, elas conseguem uma avaliação 85. Isso significa que 85% das pessoas estão dedicadas, comprometidas e envolvidas com o negócio. Elas têm orgulho do que fazem. Os 15% restante não estão", relatou o debatedor, destacando que esse 85% representa o universo das melhores empresas e que, na média, o grau de comprometimento fica em 60%. "Ou seja, 40% estão descompromissadas, de alguma maneira. Trata-se de um recurso que já está dentro da sua empresa, você paga por ele, mas, por alguma razão, você não consegue conquistar esse público para você", concluiu.

5 **"O Movimento Brasil Digital, criado há alguns meses, tem por objetivo formar e capacitar, nos próximos 4 anos, 3 milhões de profissionais para atuação com as modernas ferramentas digitais"**
RUY SHIOZAWA

HOMENAGENS

PROGRAMA EDUCACIONAL AGRONEGÓCIO NA ESCOLA

MESA DE ENTREGA

Marcello Brito
Presidente do Conselho Diretor da ABAG

Mônika Bergamaschi
Diretora da ABAG Ribeirão Preto

Fernando Luiz de Matos Oliveira, Luiz Cunalli Defilippi e Delson Palazzo
Conselheiros da ABAG Ribeirão Preto

Marcello Brito afirmou que quem conhece o programa se apaixona por ele. "É um negócio fabuloso. Se conseguíssemos replicá-lo para outras regiões do Brasil, com certeza, não teríamos de gastar tanto tempo hoje pela manhã aqui no Congresso, pois a mensagem correta está sendo passada pelo Programa.

Ao agradecer a homenagem, **Mônika Bergamaschi** destacou que o objetivo do Programa é melhorar a comunicação e a imagem do agro e conta com a ajuda do mestre Roberto Rodrigues, que sempre participa proferindo uma aula a alunos e professores.

Ela recordou que, desde que foi criado, em 2001, nada menos que 256.630 alunos do ensino fundamental 1 passaram por ele, sendo capacitados 3.300 professores da rede pública de ensino de 106 cidades do interior de São Paulo. "Nossos resultados têm sido realmente extraordinários e gostaria de aproveitar a ocasião para agradecer a todos os conselheiros, associados e diretores da ABAG, assim como os parceiros como a Embrapa, as empresas e usinas que abrem suas portas para mostrarmos, com transparência, a realidade do nosso agronegócio", afirmou a diretora da ABAG Ribeirão Preto.

PRÊMIO NORMAN BORLAUG DE SUSTENTABILIDADE 2019

HOMENAGEADO: **Marcos Guimarães de Andrade Landell**
Pesquisador do Instituto Agronômico de Campinas (IAC)

MESA DE ENTREGA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
Diretor da ABAG

Antonio Roque Dechen
Professor da ESALQ/USP e
Presidente da Fundação Agrisus

SAUDAÇÃO AO HOMENAGEADO

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

Marcos Landell tem uma longa história que vem da velha guarda do IAC, instituição que tem uma linda trajtória em favor do agro e que teve mestres como Rafael Alvarez e Antonio Segalla, entre outros. Profissionais que fizeram escola e dessa escola veio Marcos Landell, que montou um time, fez um sistema de contratação de pessoal, uma integração do serviço público estadual com os produtores e montou o Grupo Cana, um modelo diferenciado das outras culturas no IAC e até para outros institutos de pesquisa. É um modelo tão vitorioso que, mais tarde, a Rede Ridesa, que é federal, acabou estruturando um parecido.

Enfim, Marcos tem uma porção de qualidades. É músico e católico fervoroso. Talvez por isso que atue no agro, pois tem de ter muita fé para estar nesse nosso negócio. O Marcos tem uma outra característica muito rara: é daqueles que buscam variedades de cana, que desenvolvem variedades de cana e tem uma dinâmica muito grande no manejo varietal. Desenvolveu o chamado terceiro eixo, que é uma coisa muito nova, que, vamos dizer assim, teve um desenvolvimento extraordinário na área canavieira, melhorando qualidade de cana e desenvolvendo produtividade. Marcos é de fato um sucesso e um exemplo a ser seguido. É uma honra para a ABAG, juntamente com a Agrisus, poder entregar esse prêmio ao Marcos.

MARCOS GUIMARÃES DE ANDRADE LANDELL

Quanta emoção! Agradeço imensamente à ABAG e à Fundação Agrisus pela homenagem. Considero uma homenagem ao agronegócio e à pesquisa agropecuária no Brasil. Afinal de contas, ela tem sido tão importante para as conquistas do agro. Homenageados estão o IAC, a Embrapa, o Iapar, a Epamig e todas as instituições que trabalham com agronegócio. Manifesto minha gratidão, primeiramente a Deus, por todo o arranjo que ele fez na minha vida. Agradeço aos meus pais, Nilson e Marília, que foram importantíssimos, pela ligação com as coisas simples do interior e do campo. Também agradeço minha esposa Adriana e meus filhos, Gabriel, Estevão e João.

Gratidão ainda com Manoel Ortolan, que infelizmente nos deixou recentemente e que eu gostaria tanto que estivesse aqui. Todo o apoio que ele deu no início. Ao professor Roberto Rodrigues, que sempre foi inspirador para mim. Cito também Otávio Tisselli, foi o meu diretor e auxiliou no início do Programa Cana. O Orlando, que aqui está presente e que, de 94 até 2018, participou da nossa equipe. E, é claro, o Mário Campana e o Pery Figueiredo. E gostaria de dar um destaque para um 'esalqueano', que veio de longe, do Rio Grande do Sul, que é o meu sogro, Antônio Carlos Arigoni Pacheco, o gaúcho, conhecido do Dr. Roberto Rodrigues, que foi uma pessoa que quando me casei com a Adriana, ele falou de uma forma apaixonada do agronegócio, como eu nunca tinha visto na minha vida, e isso me contagiou.

Por fim, agradeço ao Instituto Agronômico, que é o meu palco, a Apta, Secretaria da Agricultura e todos do Programa Cana IAC, a minha equipe do Programa Cana IAC e todos do setor sucroenergético, que inclusive tem vários aqui, que tem sido um ambiente prospector de demandas. Os nossos apoiadores na pesquisa e viabilizador dos muitos projetos, como já falou o Caio. Esse prêmio para mim veio de uma maneira muito especial, e eu com certeza sou muito grato a todos vocês, muito obrigado.

Science for a **better life**
Será possível as fontes de água doce do mundo acabarem?
3% da água doce está disponível para uso e 69% dela é usada na agricultura
68% da água poderia ser economizada com sistemas de irrigação por gotejamento
CanWeLiveBetter.com.br
Fonte 1: Water for People. Water for Life. The United Nations World Water Development Report, UNESCO, 2003.
Water Withdrawal. Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2014.
Fonte 2: Water Savings Potentials of Irrigation Systems: Global Simulation of Processes and Linkages. Hydrology and Earth System Sciences, 2015.
BAYER

PRÊMIO NEY BITTENCOURT DE ARAÚJO PERSONALIDADE DO AGRONEGÓCIO 2019

HOMENAGEADO: **José Roberto Mendonça de Barros**
Sócio Fundador da MB Associados

MESA DE ENTREGA

Roberto Rodrigues
Coordenador do GV Agro da FGV

Marcello Brito
Presidente do Conselho Diretor da ABAG

Marc Reichardt
Presidente da Bayer

SAUDAÇÃO AO HOMENAGEADO

Roberto Rodrigues

Antes de mais nada, cumprimento a ABAG por homenagear um homem extraordinário como o José Roberto Mendonça de Barros!. José Roberto começou cedo a se interessar pelo mundo agrícola. Seu pai, Leovigildo Mendonça de Barros, um dos pioneiros da cardiologia brasileira, havia comprado a Fazenda Pouso Alegre, em Maringá, norte do Paraná. Infelizmente, o Dr. Leo adoeceu cedo e a missão de cuidar da fazenda coube a ele, então com 17 anos, e a seu irmão, Luiz Carlos.

Uma forte geada devastou os cafezais do Paraná e mudou o rumo da vida da família, alterando também sua trajetória profissional. Formou-se em Economia pela FEA, se interessando por economia agrícola. Sua tese foi sobre as perspectivas econômicas de uma planta, até então desconhecida, que começava a ser cultivada no Brasil em meados da década de 1960: a soja. Vem também dessa época outra de suas paixões: o ensino. Com apenas 22 anos, ele começa a dar aulas.

Sua formação acadêmica se completou com duas passagens em universidades americanas, fez o pós-doutorado em Yale e passou uma temporada na Ohio State University, onde se aprofundou em temas agrícolas e geografia econômica. No final dos anos 70, fundou a consultoria MB Associados, que se consolidaria nas décadas seguintes como um dos principais centros de análise econômica do país, atendendo a dezenas de empresas. Escreveu diversos livros. O mais recente, *Crescer Não é Fácil*, dá uma pista da sua visão sobre a economia brasileira. Acredita que ainda precisamos lutar bastante para reformar a economia que dificulta a vida de empreendedores e empresários e que, como resultado, impede o pleno desenvolvimento.

Nosso sucesso agrícola, na visão do José Roberto, não é, portanto, acidental, mas um conjunto de ações concretas entre a ciência, a tecnologia e o empreendedorismo brasileiro. O agro é, para ele, um exemplo do país que podemos ter. Portanto, José Roberto Mendonça de Barros é um de nós e nada mais justo, como gratidão do seu incansável trabalho, do que homenageá-lo nessa oportunidade.

JOSÉ ROBERTO MENDONÇA DE BARROS

Agradeço as palavras do Roberto, mas vocês devem considerar que ele é velho amigo e palavra de amigo tem um viés natural para que assim seja. Quero dizer da minha satisfação em receber um prêmio que leva o nome do Ney, que conheci e admiro pelo trabalho e pioneirismo. Como foi lembrado pelo Roberto, me encantei com a agricultura desde cedo, com a fazenda Pouso Alegre e, mais tarde, tive a oportunidade de estudar com os professores Antônio Delfim Netto e Afonso Celso Pastore.

Assim, a visão macroeconômica do economista completou a percepção que já tinha do trabalho na terra, como que faz para crescer, para plantar, das dificuldades, o terror que é uma geada. Foi quando tive as primeiras lições. Nós trabalhávamos com a Cooperativa dos Cafeicultores de Mandaguari (Cocari), que tinha um presidente, infelizmente, já falecido, que conhecia muito o mercado de café, o Oripes Rodrigues Gomes.

Eu perguntava a ele: você acha que o café vai subir?

Está bom para vender? Depois que perguntei isso várias vezes, ele falou assim: "Ó, Zé Roberto: eu acho que o café vai subir. Agora, no mercado de café, não tem doutor, se você quiser vender, você vende. O risco é seu". E foi aí que aprendi o que é o mercado de risco.

Depois, para fazer o doutorado, fiz uma tese sobre exportação de produtos agrícolas não tradicionais. A tese, isso em 1982, era de que o Brasil poderia exportar até US$ 300 milhões de soja. Olhando o gigante que virou é algo que eu mesmo me espanto. E aí veio a pergunta, que tomou a minha vida profissional: por que a agricultura está dando tão certo? E a resposta que eu fui construindo, passa por alguns pilares.

Primeiro, ciência, conhecimento e desenvolvimento de técnicas para aumento de produtividade. Na época da Fazenda Pouso Alegre, uma boa colheita de soja dava 17 sacas por hectare. Hoje, um bom agricultor, num ano razoável de chuva, produz 70 sacas. Essa diferença mostra o sucesso desse conjunto. E quando a gente olha o que aconteceu de 2014 a 2018 na economia do Brasil, onde o PIB da construção civil caiu 29%, o da indústria caiu 14%, o dos serviços caiu 2% e o da agricultura subiu 14%, dá para entender o tamanho desse sucesso.

Aprendi uma outra lição, a de que não basta crescer, tem de olhar adiante. E a agenda dos próximos passos do agro brasileiro tem alguns componentes. O primeiro é agricultura de precisão: vamos sair da agricultura do hectare e partir para a agricultura do metro quadrado, que significa reduzir custos e aumentar a competitividade.

Outro ponto é desenvolver sistemas produtivos que elimine a dependência excessiva da monocultura. Estamos falando das várias formas de integração da lavoura e pecuária com florestas. Terceiro é aumentar a produtividade, porém, com sustentabilidade, e existe muita coisa mal comunicada, mal compreendida, que já é feita para isso. Por exemplo, basta pensar no plantio direto e numa porção de outras técnicas.

Finalmente, a última, que é o desafio mais qualificado, que é o da geração de valor através de novos produtos e de novas tecnologias, é isso que está borbulhando, está subindo, é um desafio e é onde junta a agricultura, serviço e indústria, que é para onde devemos caminhar. Essa agenda, vai dobrar o que nos trouxe até aqui. Igualmente difícil, igualmente dolorosa, igualmente, eventualmente, menos compreendida, mas perfeitamente possível de ser feito. Gente, e é isso que a gente vai fazer. Obrigado.

PÚBLICO

O CBA CONTOU COM A PRESENÇA DE CERCA DE

1.100 pessoas na plateia e aproximadamente

3 mil acompanharam os debates pela internet

IMPRENSA

REPERCURSÃO

454
matérias publicadas em sites, portais, jornais, TVs e revistas

COBERTURA

148
jornalistas credenciados, sendo 10 de outros estados brasileiros.

PARCERIAS

foram firmadas **29** parcerias de mídia para o evento

O MELHOR QUE VOCÊ PODE FAZER PELO FUTURO É CULTIVAR HOJE.

Em 30 anos, haverá 3 bilhões de pessoas a mais no mundo. E a única maneira de conseguir alimentá-las é trabalhando juntos.
Existe um novo modelo de agricultura que faz exatamente isso, com sementes mais fortes, melhor proteção de cultivos e decisões orientadas por dados. Saiba mais em Corteva.com.br

CONTINUE CRESCENDO.

™ Marcas registradas da DuPont, Dow AgroSciences ou Pioneer e de suas companhias afiliadas ou de seus respectivos proprietários. © Corteva 2019.

CORTEVA™
agriscience

EXPEDIENTE
Congresso Brasileiro do Agronegócio
ABAG E B3

ANAIS

Coordenação
Gislaine Balbinot
MTB 065/MS

Edição de Conteúdo
Lázaro Souza
Luiz Antonio Pinazza

Apoio
Luiz Cornacchioni
Emilia Dualibi
Juliana Pereira

Assessoria de Imprensa
Mecânica de Comunicação

Design e produção gráfica
MW2 Design

Produção
Wenter Eventos

Fotos
Gerardo Lazzari
Ricardo Lucas

www.abag.com.br
www.b3.com.br

CONGRESSO BRASILEIRO DO AGRONEGÓCIO ABAG E B3

AGRO: MOMENTO DECISIVO

2019

abag

[B]³ BRASIL BOLSA BALCÃO

Patrocínio Diamante

BAYER

CORTEVA™ agriscience

Patrocínio Ouro

agroceres

bradesco

syngenta

Patrocínio Prata

ANDEF

BANCO DO BRASIL

BASF We create chemistry

CASE IH AGRICULTURE RETHINK PRODUCTIVITY

cooxupé

FPT POWERTRAIN TECHNOLOGIES

inpEV

jacto

Mosaic Fertilizantes

NEW HOLLAND AGRICULTURE SEMPRE COM VOCÊ

pwc

Rabobank

SistemaOCB CNCOOP · OCB · SESCOOP

Tereos

Apoio

Cargill

CME Group

CNA SENAR

MATTOS ENGELBERG ADVOGADOS

Apoio Institucional

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO Secretaria de Agricultura e Abastecimento

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL